

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES – INSTITUTO VILLA-LOBOS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA COM
HABILITAÇÃO EM MÚSICA

A IMPORTÂNCIA DO PROJETO *SAMBA E CHORO NA PRAÇA* NA
EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL DE SEUS ESPECTADORES

ANTONIO SOARES DANTAS

RIO DE JANEIRO, 2007

A IMPORTÂNCIA DO PROJETO *SAMBA E CHORO NA PRAÇA* NA
EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL DE SEUS ESPECTADORES

por

ANTONIO SOARES DANTAS

Monografia apresentada para conclusão do Curso de
Licenciatura Plena em Educação Artística /Música,
da UNIRIO, sob a orientação do professor Dr. Luiz
Otávio Braga.

Rio de Janeiro, 2007

Esta monografia é dedicada à memória de meu pai. Dedico-a,
também, à minha irmã Juliana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a André Nemi Conforte, sem o qual esta monografia se tornaria inviável.

À minha mãe, por pensar junto e pela revisão.

Ao conjunto Passagem de Nível, por todo o aprendizado experimentado nesses quatro anos de convívio semanal.

Ao meu orientador, Luiz Otávio Braga.

DANTAS, Antonio Soares. *A importância do projeto Samba e Choro na Praça na educação não-formal de seus espectadores*. 2007. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística /Música) Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Esta monografia estima verificar a importância desempenhada pelo projeto *Choro e Samba na Praça*, que se encontra em seu quarto ano, na educação não-formal de seus apreciadores, sejam estes turistas ou mesmo cidadãos mendenses, além de propor melhorias para o mesmo. Este projeto acontece todos os domingos pela manhã na cidade de Mendes, interior do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Choro – Samba – Mendes – Educação não-formal

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| CAPÍTULO 1 – O CONCEITO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL..... | 3 |
| CAPÍTULO 2 – HISTÓRICO..... | 6 |
| 2.1. O grupo <i>Passagem de Nível</i> | |
| 2.2. O projeto <i>Samba e Choro na praça de Mendes</i> | |
| CAPÍTULO 3 – UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO..... | 10 |
| CAPÍTULO 4 – UM ESTUDO DE CASO: O CAVAQUINISTA TUTA..... | 13 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 15 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 18 |
| ANEXO - QUESTIONÁRIO SOBRE O PROJETO <i>CHORO E SAMBA NA PRAÇA</i> ... | 19 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a avaliar, de forma crítica e propositiva, como um projeto criado com o pressuposto fundamental da divulgação dos gêneros musicais *samba* e *choro* pode desempenhar importante papel na educação não-formal de jovens e adultos em uma pequena cidade do interior.

Trata-se do projeto *Samba e choro na praça*, realizado todas as manhãs de domingo ininterruptamente, desde 2004, na cidade de Mendes (RJ), sob patrocínio da Prefeitura Municipal. Prioritariamente, os objetivos do projeto são voltados para o turismo e o entretenimento local. Acreditamos, porém, que, de forma não-intencional, o *Samba e choro na praça* está fazendo com que diversos municípios se voltem para o estudo dos gêneros acima citados, devido à influência do que ouvem nas manhãs de domingo na praça. Esta “reeducação” dos jovens e adultos da cidade tem se dado de maneira assistemática e ainda passiva, o que faz com que, de certa forma, a percepção desta mudança do paradigma musical de parte dos cidadãos também se nos mostre apenas empiricamente. Um de nossos principais objetivos, neste trabalho, é avaliar de modo mais científico este possível processo de mudança por meio de instrumentos avaliativos que serão descritos no capítulo referente à metodologia. Primeiramente, é preciso que justifiquemos o porquê de nossa crença na utilização do projeto como instrumento de educação musical não-formal.

Segundo definição da *Wikipédia*, Educação Musical

é a educação que oportuniza ao indivíduo o acesso à música enquanto arte, linguagem e conhecimento. A educação musical, assim como a educação geral e plena do indivíduo, acontece assistematicamente na sociedade, através, principalmente, dos meios de comunicação de massa e do folclore e sistematicamente na escola ou em outras instituições de ensino.

Todo o verbete acima poderia ser grifado, já que todas as suas informações são de capital importância para sustentar nosso ponto de vista. É vasta a literatura que demonstra a importância da educação não-formal na formação do indivíduo, e, no que tange à educação musical, são diversos os agentes que podem desempenhar esse papel. Possivelmente, nenhum desses agentes terá mais capacidade de alcance do que os meios de comunicação. No entanto, sabemos que estes estão bastante comprometidos com os gêneros musicais mais comerciais, por questões econômicas. Com isso, gêneros como o

choro e o chamado “samba de raiz”¹, ao longo do processo de “monetarização” da relação artista-gravadoras-mídia, praticamente perderam seus espaços de divulgação. Importante destacar que as grandes transformações na chamada sociedade urbano-industrial atravessaram o fazer artístico (como não poderia deixar de ser), transformando-se em hábitos e aproximando o campo da cidade (ou esta absorveu aquele). Portanto, defendemos que cabe ao poder público, em todas as esferas, “tapar” esse buraco, ou seja, fomentar a divulgação não só do samba e do choro, mas de todas as manifestações culturais negligenciadas pelos meios de comunicação, de forma a equilibrar a relação de forças entre os gêneros musicais, e também de forma a tornar a educação um processo holístico, comprometido com a formação humanista do cidadão. Este fomento se daria, por exemplo, através de projetos como o *Choro e Samba na praça*, onde estes gêneros têm a possibilidade de reaparecer e se estabelecer como valor cultural efetivo daquele local, além de se mostrar como alternativa aos gêneros difundidos – vendidos – pelos meios de comunicação de massa.

Metodologia

Nosso trabalho se constituirá de: um histórico do projeto, de janeiro de 2004 até os dias atuais; entrevista com o coordenador do projeto, Alexandre Paiva; entrevista com o secretário municipal de educação de Mendes, Paulo Roberto de Andrade; um estudo de caso – a transformação do músico “Tuta” em cavaquinista de choro, operada por meio do projeto; anexos – fotos e reportagens sobre o projeto, além de um questionário encaminhado ao público frequentador da praça Dr. João Néri, local de realização do evento dominical.

Além de discussões sobre os pressupostos teóricos do conceito de educação não-formal, assim como uma problematização do Projeto enquanto política educacional. Na conclusão, apresentaremos algumas sugestões que visem a tornar esta aspiração uma realidade.

¹ Em que pese a controvérsia em torno do uso desse termo (V. Lopes, 2000)

CAPÍTULO 1: O CONCEITO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Segundo Almeida & Del Bem (2005, p. 31)

A introdução da expressão “‘educação não-formal’ surgiu para satisfazer a necessidade de respostas extra-escolares a demandas novas e diferentes das que atende ordinariamente o sistema educativo” (La Belle apud Vásquez, 1998: 14). Sarramona, Vásquez e Colom (1998) apresentam como âmbitos da educação não-formal a educação urbana, entre outros. A educação urbana é entendida como “qualquer atividade educativa organizada no seio da cidade por parte de suas instâncias administradoras” (Colom, 1998b, p. 108). Entre as ações compensatórias que o município pode realizar na área educativa, por meio da educação urbana está a intervenção para a compensação educativa não-formal, incluindo as atividades extra-escolares de formação e expansão. Entre elas, a “organização de oficinas de expressão”, tais como as oficinas de música.

Carvalho (1998, p. 6) lembra-nos que “o processo de aprendizagem musical não-formal é baseado na vivência musical”, dando como exemplos o aprendizado que se dá em comunidades onde ocorrem importantes manifestações culturais como o Bumba-meu-boi, o Caboclinho, o Mamulengo e as bandas de pífano nordestinas. Pesquisas mais remotas localizam esses processos em comunidades indígenas do Brasil e da África (Nketia, 1974; Santos, 1991, *apud* Carvalho, op. cit.) . Na maior parte das vezes, é a tradição que se responsabiliza pela transmissão do conhecimento musical, em geral repassado de forma empírica e prática; em alguns casos, até mesmo ocorre algum processo de iniciação à teoria musical, como ocorre nas comunidades religiosas.

O questionamento que faz Carvalho a respeito da inversão que se dá no ensino de música parece-nos bem pertinente: “Por que tentar inverter o caminho natural do aprendizado humano? Ninguém ensina regras gramaticais para um bebê aprender a falar” (op. cit, p. 6). Recorrendo a outra metáfora, seria como freqüentar uma auto-escola onde somente se ensinasse a “teoria da direção” e, em seguida, ser obrigado a dirigir. Não parece haver dúvida de que se deve, antes de tudo, incentivar a sensibilidade musical do aluno, instá-lo à prática do instrumento, para somente em estágio posterior iniciá-lo na teoria. Dois casos absolutamente notórios na música brasileira são os de Jacob do Bandolim e o de Hermeto Paschoal. No entanto, sabe-se que em grande parte das escolas de músicas brasileiras, o desequilíbrio é gritante, e ensina-se muito mais teoria do que prática, pelo menos nos estágios iniciais do processo de aprendizagem. Outro gênio que não se enquadrou nos moldes acadêmicos foi Villa-Lobos, que chegou a abandonar os estudos no Instituto Nacional de Música.

Requião (1999, p. 6) faz importante reflexão sobre como se dá o processo de aprendizagem do indivíduo; “O nosso processo de musicalização, por ser contínuo, se inicia desde que começamos a perceber os sons e prossegue por toda a vida. A aprendizagem musical se dá a todo instante, e nada escapa principalmente aos ouvidos curiosos das crianças”. Concordamos, ainda, com sua análise subsequente de que não se deve, por isso, incorrer no erro metodológico de se rejeitar o aprendizado de leitura musical. A crítica deve incidir antes sobre a excessiva valorização da teoria em detrimento da prática, da primazia daquela em relação a esta, mas de forma alguma ao ensino de um conhecimento técnico que irá abrir as portas do mercado de trabalho para o estudante. Ademais, a teoria musical, se corretamente ensinada, é um tipo especial de teoria que dialoga imediatamente com a prática, a partir da transposição para o instrumento da notação musical que se encontra na partitura. Portanto, desprezar o ensino de teoria nas escolas é um contra-senso. Se o aprendizado unicamente não-formal é uma opção do músico, o aprendizado formal é um direito do aluno. O que se deve vigiar é o método, e nunca a falsa dicotomia teoria/prática, uma vez que ambas se coadunam.

O mestre Paulo Freire (1986, p. 25), em sua notável *Pedagogia da Autonomia*, já nos ensinava que “ensinar não significa mais transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Pensemos nas rodas de samba e de choro como um espaço de realização dessas possibilidades. À parte todo o entretenimento que propiciam tanto a seus participantes quanto aos que lhe rodeiam, são um espaço pedagógico por excelência, onde diversos músicos iniciantes aprenderam os segredos do acompanhamento, do ritmo e da improvisação. Como esse aprendizado se dá de maneira assistemática, não é tão facilmente percebido, mas talvez represente mais na formação do músico do que o próprio aprendizado formal. Um importantíssimo estudo sobre a importância da roda (de samba, de choro, mas antecedendo-os, na verdade) é feito por Roberto M. Moura, baseando-se na já consagrada dicotomia *casarua*, do antropólogo Roberto DaMatta. Em paralelo a essa dicotomia, Moura nos apresenta a oposição *roda/escola*. Deste estudo, oriundo de tese de doutoramento do crítico musical na UniRio, destacamos a seguinte caracterização do espaço que é a roda:

Como em qualquer ritual, a roda preserva e atualiza o que está em sua origem. Nela, o que é tradição dialoga com o presente no curso da história. Tudo ocorre a partir das condições materiais possíveis, mas é imprescindível que os fundamentos sejam respeitados. Quer dizer, que os participantes não esperam condições ideais para agir, mas jamais agem contrariando os cânones consagrados pela comunidade – até porque o mundo do ritual é “totalmente

relativo ao que ocorre no cotidiano”, conforme o antropólogo Roberto DaMatta em *Carnavais, malandros e heróis*, cuja primeira edição é de 1979. (Moura, 2004, p. 23)

Por opção dos próprios músicos participantes do projeto *Samba e choro na praça*, não se construiu nenhum palco para a apresentação do grupo, justamente para que se pudesse reproduzir o ambiente de roda tão bem caracterizado acima por Roberto Moura. Não mais que um gazebo a proteger os músicos da chuva é o que há de produção, além das cadeiras de metal onde os executantes se sentam. Por motivos óbvios, o som tem de ser amplificado. Mas até mesmo a estrutura eletrônica é modesta e o que se busca é justamente um clima de confraternização com o público e com os músicos visitantes, de modo que todos possam participar da roda e acrescentar novos elementos ao seu aprendizado musical não-formal. É claro que a utilização de equipamentos de amplificação de som já indica uma transformação notável em relação à chamada roda tradicional. Mas isso se faz necessário na medida em que o projeto se dá em praça pública, em meio ao trânsito de veículos muitas vezes pesados e com público em quantidade significativa. Perde-se um pouco o caráter intimista de uma roda sem amplificação, no entanto, propicia um alcance maior de público e um certo conforto para quem assiste às apresentações.

CAPÍTULO 2: HISTÓRICO

2.1 O grupo *Passagem de Nível*

O grupo Passagem de Nível, originário da cidade de Mendes (RJ), começou a se formar em meados de 1997, e sua criação foi fruto do encontro entre o cavaquinista Alexandre Paiva, recém-chegado da cidade do Rio de Janeiro, e alguns músicos locais. Alexandre Paiva é fundador do Grupo Galo Preto, um dos mais tradicionais regionais de choro do Brasil, e naquele momento se mudava para o interior para desenvolver atividades ligadas à produção rural. A primeira formação do grupo era apenas instrumental. Além de Alexandre, participavam do grupo o violonista André Conforte, o pandeirista Guilherme Amorim e o cavaquinista (solo) Zé Rui. Mais tarde, o cantor Josemar Ramos, natural da cidade vizinha de Barra do Piraí, incorporou-se ao grupo, agregando ao repertório até então de choro um número considerável de sambas. Durante anos, o grupo apresentou-se esporadicamente em pequenos eventos na cidade e na região, tendo inclusive feito uma temporada no já extinto bar *Palpite Feliz*, em Vila Isabel, na capital do estado.

Em 2003, o cavaquinista Zé Rui deixou o grupo, que se manteve durante alguns meses apresentando-se sem solista, com repertório basicamente de samba, ou contratando solistas *ad hoc*. Somente em meados desse mesmo ano o grupo convidou o bandolinista carioca Antonio Soares Dantas, autor deste trabalho, a ingressar no grupo, convite prontamente aceito, mas que não redundou em número significativo de trabalhos a princípio.

2.2 – O projeto *Samba e choro na praça de Mendes*

No entanto, neste mesmo período, Alexandre Paiva apresentou à Prefeitura Municipal de Mendes o projeto *Choro na Praça*. O projeto foi aceito e, já no primeiro domingo de 2004, o grupo começava a se apresentar na Praça Dr. João Néri, no centro da cidade. Com poucas semanas de apresentação, e com pouca divulgação na mídia local, o evento já se firmava como principal opção de entretenimento cultural na região.

Aqui, achamos importante fazer uma pequena digressão: não há outros grupos de choro com formação fixa em toda a região, apenas músicos isolados que, esporadicamente, se reúnem para realizar rodas de samba, choro e seresta, em cidades como Vassouras, Barra do Piraí e no famoso distrito de Conservatória, em Valença.

Somente em Volta Redonda, mais importante cidade do Centro-Sul fluminense, há um importante trabalho de divulgação do choro, com destaque para o do bandolinista Carlos Henrique Machado, que empreende uma pesquisa de fundamental importância para a história do choro na região conhecida como “Vale do Café”.²

Portanto, a escassez de grupos que divulguem o gênero na região acaba por aumentar a responsabilidade do grupo *Passagem de Nível* no que respeita a essa empreitada. Por outro lado, o evento acaba funcionando como pólo aglutinador dos músicos da região, que acabam encontrando no *Choro e samba na praça*³ um suporte seguro para suas execuções musicais, já que é muito freqüente a realização de “canjas” nas apresentações dominicais do grupo.

Voltando à história do projeto: desde a primeira apresentação, no primeiro domingo de 2004, até os dias atuais, não mais deixou de acontecer, sendo realizado todos os domingos na já citada praça, inclusive em datas festivas ou cívicas, como carnaval, natal ou eleições. O sucesso foi tamanho que, mesmo com a derrota eleitoral do prefeito que implantou o projeto, manteve-se o *Choro na praça* da mesma forma como foi concebido. É importante ainda notar que os músicos do grupo-anfitrião são remunerados pela própria prefeitura municipal, por meio da Secretaria Municipal de

² V. www.samba-choro.com.br/noticias/13129; www.diarioon.com.br/arquivo/4132/lazer/lazer-12060.htm; www.lainsignia.org/2007/junio/cul_032.htm.

³ O evento, inicialmente intitulado *Choro na praça*, por questão de justiça com seu gênero-irmão, acabou tendo seu título modificado para *Samba e choro na praça de Mendes*. No entanto, a tradição faz com que os moradores e músicos locais o continuem chamando pelo nome original.

Educação, o que pode ser um demonstrativo do entendimento da administração municipal de que o projeto tem fins explicitamente educativos⁴.

Além das apresentações regulares e das canjas que ocorrem todos os domingos, há ainda as ocasiões comemorativas, como o *Dia municipal do chorinho*⁵ o Festival *Café Cachaça e Chorinho* (realizado desde 2005 em 14 municípios da região) e o *Festival Nacional do Choro* (realizado pela Escola Portátil de Música, em duas edições em Mendes), entre outras, em que ocorre a participação de nomes consagrados ligados tanto ao choro quanto ao samba. Para citar alguns: Nelson Sargento, Vó Maria, Elton Medeiros, Nei Lopes, Monarco, Choro na Feira, Matutos de Cordeiro, Galo Preto, Alceu Maia e Choro Elétrico, Luciana Rabelo, Pedro Amorim etc.

Não são poucas as boas conseqüências do projeto: além da realização muito bem-sucedida de duas edições do *Festival Nacional de Choro* na Fazenda São José das Paineiras, nos anos de 2005 e 2006⁶, há ainda o *Café, cachaça e chorinho*, festival anual realizado pelo Conselho do Ciclo do Café que demonstra a importância do Choro na região, importância esta cujo maior protagonista é o projeto realizado em Mendes. É intenção da Prefeitura Municipal de Mendes implantar uma extensão do *Projeto PIM*, projeto cultural de grande sucesso realizado na cidade vizinha de Vassouras e cujo objetivo é ensinar música clássica a jovens. A idéia é de que, uma vez implantado em Mendes, o projeto tenha um direcionamento para o ensino do choro. No início deste ano, a Prefeitura Municipal, em parceria com o conselho tutelar da cidade, implantou o projeto “Choro da cidadania”, em que crianças carentes encaminhadas pelo conselho tinham aulas de educação musical, visando à superação de seus problemas por meio do aprendizado do choro. A iniciativa se sustentou por alguns meses, mas devido a falta de verbas não foi adiante.

Afonso Machado e Jorge Roberto Martins, no livro *Na Cadência do Choro*, falam sobre o choro no interior do Estado do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, do projeto *Samba e choro na praça*:

⁴ Para não entrar em contradição com o que foi dito na introdução, deve-se reconhecer que, pelo menos no primeiro ano de administração do atual governo municipal, o projeto era mantido pela secretaria de turismo e desenvolvimento social. A transferência desse ônus para a secretaria de educação e cultura pode ser creditada tanto a uma mudança de atitude, assim como a uma mera mudança na política de orçamento. No entanto, como não dispomos de dados dessa natureza, vamos nos situar no plano das conjecturas.

⁵ Instituído pela lei municipal nº 1.127 em 15 de agosto de 2006. Projeto do vereador Rubem Moura, aprovado por unanimidade. Mais uma evidência da repercussão positiva do projeto.

⁶ Apesar do comprometimento público da cavaquinista Luciana Rabello, o Festival desse ano não foi realizado em Mendes, por motivos até agora não bem explicitados.

A região do Estado do Rio de Janeiro conhecida como Vale do Ciclo do Café, que compreende as cidades de Mendes, Vassouras, Barra do Pirai, Pirai e Valença, vem assistindo a um crescente movimento em torno do choro. Um dos grupos pioneiros na divulgação do gênero ali é o Passagem de Nível, de Mendes, formado por Alexandre Paiva (cavaquinho), André Conforte (violão), Antonio Dantas (bandolim), Guilherme Amorim (percussão e gaita) e Josemar Ramos (voz e percussão). Eles se apresentam todos os domingos na praça Dr. João Néri, no centro de Mendes, com direito à ‘canja’ de diversos artistas que já passaram por lá: Nelson Sargento, Vó Maria (viúva de Donga), Galo Preto, Luciana Rabello, Alceu Maia, Marcelo Bernardes e os Matutos de Cordeiro. O projeto se chama *Choro na Praça* e deu tão certo que acabou incentivando os órgãos regionais de turismo a investirem também. O *Café, Cachaça e Chorinho*, realizado em dez municípios da região, já vai para sua terceira edição. O *I Festival Nacional de Choro*, organizado pelo Instituto Jacob do Bandolim, aconteceu em dezembro de 2004, em Mendes. A cavaquinista Luciana Rabello afirmou que o objetivo dos organizadores do festival é “realizar todas as suas edições em Mendes, e transformar Mendes na capital do choro no interior do Estado” (Machado e Martins, 2006, p. 155 e 156).

Fica evidente, portanto, a importância que este projeto ganhou ao longo destes quatro anos, trazendo diversos outros acontecimentos para a cidade em que se situa, assim como para diversas outras situadas no Vale do Ciclo do Café.

CAPÍTULO 3: UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO

Tudo o que foi relatado nos capítulos anteriores serve para demonstrar a importância de um projeto como o *Samba e choro na praça*, do ponto de vista cultural e turístico. A questão de que devemos tratar agora, e que se torna o verdadeiro problema deste trabalho, é: como avaliar em que medida o projeto citado pode também ser considerado como um projeto de extensão das políticas de educação do município, e, caso não seja, o que deve ser feito para que o seja?

O que se percebe é que todas os benefícios advindos da insistência em se manter um projeto como este, se não devem ser desprezados, ocorrem, no entanto, de maneira isolada, sem integração entre si. Coube-nos, então, contactar atores que consideramos fundamentais na discussão sobre um pensamento que integre o *Choro e samba na praça* às políticas educacionais do município: o idealizador do projeto, Alexandre Paiva e o secretário municipal de educação, Paulo Roberto de Andrade. Também realizamos uma pesquisa com os frequentadores habituais da praça nos domingos em que ocorre o evento.

A pergunta encaminhada tanto a Alexandre Paiva quanto ao secretário de educação foi a seguinte: *Apesar de o projeto Choro e Samba na Praça de Mendes ser considerado um das mais bem sucedidas realizações culturais da região, entendemos que é possível tomar uma série de medidas que o integrem a uma política municipal de educação, de modo a aumentar o interesse de nossos jovens pelos gêneros musicais choro e samba, e também de modo a lhes proporcionar a chance de ter alguma educação musical (formal ou não-formal). Como o Sr. Acredita que isso pode ser feito?*

A resposta de Alexandre Paiva foi a seguinte:

Eu penso que antes de mais nada, o ensino da música deveria fazer parte do ensino fundamental, como já fez há algum tempo atrás, eu mesmo estudei música na escola. Paralelamente, penso que deveria haver também, o ensino da história da região, focado não só nos vultos e fatos político-econômicos, mas também na arte. Eu acho que a simples soma destes dois elementos, já seria o suficiente para despertar nos jovens um grande interesse pelos gêneros. É muito mais prazeroso ouvir música com algum conhecimento, até porque nos permite diferenciar os gêneros e fazer opções conscientes. Com o conhecimento histórico, entenderiam que, na verdade, a opção pelo Choro e pelo Samba, vai além da coisa puramente musical, pois estes gêneros tem raízes profundas na nossa região, uma vez que surgiram do encontro das músicas européia e africana, que se deu, a princípio, aqui na região do Vale do Café. Aqui existiam as grandes fazendas, e as jovens senhoritas tocando ao piano as valsas, polcas e outros diversos ritmos europeus, enquanto, nas senzalas, os negros escravos faziam seus batuques.

É bom lembrar também que, na verdade, este projeto nasceu na Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, quando fui secretário, e que tinha, a princípio, o intuito de trazer turistas interessados em cultura, que no meu entender são os que nos interessam, pois são pessoas que na sua quase totalidade, além de trazerem dinheiro, ajudam na conservação da cidade. Assim sendo, este projeto

deve ser encarado também como algo capaz de desencadear uma política voltada para o turismo, capaz de gerar empregos e renda para estes jovens que não têm grandes opções na nossa região.

A partir de janeiro próximo, teremos uma escola de música na cidade, o PIM. Tenho também a intenção de, com os companheiros do Passagem de Nível, ministrar alguns cursos voltados para o Samba e o Choro. Creio que estas ações, somadas a uma maior divulgação do projeto, inclusive com a obtenção de recursos (através de projetos incentivados e um maior apoio da prefeitura) que nos permitam convidar com maior frequência artistas de outras regiões do país, conseguiremos, cada vez mais, atrair os jovens para o Choro e o Samba, fazendo com que surjam outros músicos capazes de levarem adiante o nosso projeto, fazendo com que ele consiga alcançar o seu objetivo de gerar renda e ocupação com o turismo voltado para a cultura.

Só como exemplo, quero citar o caso de um rapaz, o Tuta, que há algum tempo atrás trabalhava como pedreiro na prefeitura, e que incentivado pelo nosso projeto, hoje toca profissionalmente e dá aulas de música e de cavaquinho, melhorando consideravelmente sua qualidade de vida.

Já o secretário de educação nos respondeu nos seguintes termos:

(...) A nossa Secretaria já assinou um convênio com o PIM-Programa Integração pela Música (de Vassouras) e atende a 100 (cem) alunos das escolas de Mendes (municipais, estaduais e particulares), disponibilizando 4 instrumentos (violão, violino, flauta e clarineta) para eles escolherem e terem aulas teóricas de música e prática nos instrumentos.

Acredito que, futuramente, teremos vários grupos musicais que poderão firmar Mendes como o município do choro e do samba.

Temos interesse em levar o projeto “Choro e Samba na Praça” para os bairros do nosso município, a fim de divulgá-lo cada vez mais. Trata-se do maior projeto cultural da nossa Secretaria.

Pode-se perceber que o projeto *PIM* deverá desempenhar importante papel na ampliação da educação musical de jovens na região.

O caso do cavaquinista Tuta, citado por Alexandre Paiva, será explicitado detalhadamente mais adiante. Sem dúvida, ainda sobre a resposta de Alexandre, o conhecimento da história local pode fazer com que os jovens, principalmente, tenham seu interesse pelo choro e pelo samba ampliado. É importante dizer que seria interessante ampliar a oferta de vagas e a diversificação de instrumentos oferecidos pelo projeto *PIM*, citado pelo secretário de educação, Paulo Roberto de Andrade.

Do questionário encaminhado aos frequentadores da praça, destacamos as seguintes respostas: “acredito que o fato de os músicos resgatarem o choro é extremamente importante para a educação dos jovens, como registro de nossa memória musical” (Lucia Soares); “diria que este projeto atua como uma ótima saúde mental, principalmente porque nos dá uma tranquilidade interior e nos faz sentir bem” (Cláudia Abdala); “a música é algo que desperta o interesse de pessoas de todas as idades, abrindo caminho para o conhecimento tanto das obras como dos cantores. Isso influencia muito na educação” (Celso Rozário). 52% das pessoas que responderam ao questionário acreditam que este projeto tem alguma importância na área educacional.

Alternativas como a abertura de um espaço onde pudessem ser dadas aulas de música brasileira e onde se pudessem ver filmes e fazer debates sobre a cultura

brasileira foram sugeridas no questionário. Além disso, convênios com agências de turismo no sentido de programar visitas a fazendas locais, após a apresentação do *Choro na praça* também foram sugeridos (aqui, claramente, destaca-se a veia turística inerente ao projeto).

As respostas dadas acima nos mostram que este projeto, apesar de todo seu valor turístico, educacional e de entretenimento, ainda possui pontos que necessitam aperfeiçoamento.

Conforte (2005) fornece algumas sugestões que nos parecem úteis:

“(..) há que se criar uma tradição de músicos de choro e samba na cidade. Para isso, faz-se mais que necessária a fundação de uma escola (no sentido físico) de música na cidade, nos moldes da Villa-Lobos ou da Escola Portátil de música (...). Da fundação da escola para o aparecimento dos primeiros grandes músicos, leva-se algo em torno de cinco anos. Depois, a renovação se dá automaticamente, creio. Mas cultivar talentos não é um caminho fácil. Como incentivo, miremo-nos no exemplo de Paracambi. Lá, já temos uma primeira geração promissora, e tenho certeza de que boa parte dos jovens formados naquela escola conseguiu escapar de caminhos bem menos dignos que suas vidas poderiam ter tomado.”

A citação acima alude ao fato de a Prefeitura do município vizinho de Paracambi ter investido em um bem-sucedido convênio com a Escola de Música Villa-Lobos, projeto que já existe naquela cidade há pelo menos 5 anos e que já rendeu uma boa safra de jovens músicos, muitos deles já atuando profissionalmente em grupos e orquestras. Um excelente exemplo a ser seguido, mas que, infelizmente, depende dos esforços do poder público dos municípios vizinhos que, parece-nos, ainda não se sensibilizaram para tanto. De qualquer modo, o convênio firmado com o projeto PIM (como se pode ler na resposta do Secretário de Educação de Mendes) soa-nos como alvíssaras.

CAPÍTULO 4: UM ESTUDO DE CASO: O CAVAQUINISTA TUTA

O cavaquinista conhecido como Tuta é o exemplo que escolhemos para ilustrar nossa tese de que o *Samba e choro na praça* reúne todas as possibilidades de se tornar um instrumento eficaz de educação musical não-formal. Nascido e criado na cidade de Mendes, o jovem instrumentista, embora tendo a musicalidade mostrada à flor da pele, jamais havia freqüentado qualquer curso regular de música até conhecer o projeto realizado na praça de Mendes. Após pouco mais de um ano de realização do projeto, reuniu-se com alguns amigos, todos músicos amadores, e formou o grupo *Chorando em bemol*. Os integrantes do Passagem de Nível, ao saber da intenção de formação do grupo, deram todo o apoio possível aos jovens músicos, emprestando-lhes partituras, cifras, CDs e até mesmo instrumentos musicais. Poucas semanas depois, o *Chorando em bemol* se apresentava na Praça de Mendes, juntamente com o Passagem de Nível, com um repertório limitado, mas consistente, de sambas e choros.

Alguns meses depois, por questões diversas, o grupo se desfez. Ao contrário dos outros membros, o cavaquinista Tuta continuou a freqüentar o evento quase que religiosamente, sempre substituindo Alexandre Paiva. A essa altura, incentivado pelos integrantes do Passagem de Nível, Tuta já freqüentava as aulas da Escola Portátil de Música no Rio de Janeiro, viajando nos sábados de madrugada. É importante dizer que, mesmo antes de ter aulas formais de música, Tuta já aprendera por conta própria os rudimentos de leitura e escrita musical.

Enfrentando os percalços de qualquer músico que dá os primeiros passos nas tortuosas veredas do choro, Tuta insistiu, superou suas dificuldades e tornou-se uma espécie de sexto integrante do grupo, substituindo não só as fortuitas ausências do cavaquinista Alexandre Paiva, mas também as do bandolim e do violão. Por sua determinação e por ter encontrado a necessária receptividade ao seu empenho, Tuta tornou-se músico de choro e de samba pela prática mais do que pelo estudo teórico/tradicional como é a regra com a maior parte dos músicos que praticam estes gêneros⁷. Sua premiação por este esforço foi ter sido convidado, em 2006, para integrar o grupo do bandolinista Carlos Henrique Machado, de Volta Redonda, grupo formado por instrumentistas virtuosos e formados em importantes escolas de música. Já fez

⁷ Oportuno lembrar, a propósito, que no Grupo Passagem de Nível, apenas o bandolinista, autor deste trabalho, possui formação em música. Todos os demais componentes são autodidatas ou tiveram algumas poucas aulas, como o próprio cavaquinista Alexandre Paiva, que domina alguns rudimentos da leitura musical.

diversos shows com o grupo e está em processo de ensaios para a gravação do terceiro CD de Carlos Henrique.

O caso de Tuta pode ser visto claramente como exceção, uma vez que, além de ser único, dependeu de seu inequívoco talento e de seu esforço pessoal. No entanto, optamos por enxergá-lo como prova de que o projeto pode e deve ser integrado a uma política de educação musical não-formal, que transforme jovens talentosos em músicos profissionais, como o jovem Tuta, já que foi a partir do projeto em questão que ele pôde entrar em contato direto com os gêneros divulgados na praça de Mendes. A questão é saber que caminhos tomar para que esta aspiração se concretize. Para Tuta, o conjunto Passagem de Nível, principalmente através de seu cavaquinista, Alexandre Paiva, disponibilizou instrumentos, partituras, gravações, além de inúmeras conversas acerca das linguagens do choro e do samba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se deve esquecer de que não é nada fácil empreender um projeto como o que foi aqui estudado em uma cidade de 17.000 habitantes, localizada a mais de 100 km da capital. Uma cidade de baixo orçamento, sem indústria e praticamente sem bens culturais, ou seja, sem cinemas, sem teatros, sem casas de show. A juventude local freqüenta, em geral, bailes *funk* e as rádios FM locais tocam música comercial da mais baixa qualidade. As condições socioeconômicas da maior parte da população não são as mais animadoras. Pouquíssimos dispõem de TV por assinatura. Há apenas um provedor de Internet a rádio de baixo alcance, e são poucos os que podem pagar por esse serviço. Só recentemente a prefeitura instalou quiosques de inclusão digital na cidade. O comércio ao redor da praça Dr. João Néri se encontra em estado lamentável, tendo chegado ao ponto de haver apenas um “fornecedor” de bebida e comida para a audiência do projeto aos domingos. É importante ressaltar que o projeto está intimamente ligado ao turismo na região e que, portanto, é de suma importância que haja infra-estrutura adequada para receber os visitantes.

Diante desse quadro nada alentador, arriscamo-nos a dizer que a realização de um projeto de tal monta constitui uma verdadeira ousadia. E de fato o é, uma vez que, apesar de todas as conquistas, não faltam críticas (por exemplo, não haver um “rodízio” de conjuntos que se apresentem, divulgação precária e, portanto, ineficiente do projeto) ao *Samba e choro na praça*, assim como há a indiferença de grande parte dos jovens, justamente os que poderiam ser mais beneficiados com o projeto. E é justamente esta indiferença parcial que nos reforça o sentimento de que se deve direcionar as políticas educacionais e o projeto *Samba e choro na praça* a uma convergência de ideais. Seguem aqui algumas sugestões de como pode-se dar essa integração:

- O poder público municipal deveria, o mais breve possível, investir na criação de uma escola gratuita de música: pode-se criar uma escola própria ou se fazer convênio com projetos já conhecidos como o Projeto PIM de Vassouras⁸, ou então com escolas tradicionais como o Instituto Villa-Lobos. É importante que uma escola de música implantada em Mendes direcione o seu aprendizado para o repertório do samba e do choro;

⁸ Como já foi citado acima, a escola já está em vias de implantação. Aguardemos os desdobramentos desse convênio.

- Pode-se incentivar os músicos locais a criar um clube do choro, em que ocorram rodas de samba e choro, oficinas, palestras e cursos, e no qual os músicos também possam ter acesso a partituras, CDs, livros sobre os gêneros etc.
- Deve-se procurar a iniciativa privada local e convencê-los de que vale a pena investir no projeto como forma de criar alternativas para os jovens da cidade, uma vez que a escassez de recursos econômicos e culturais pode levá-los a descaminhos que afetarão a sociedade local como um todo.
- Não há por que se abandonar a razão precípua de ser do projeto *Choro e samba na praça de Mendes*, que é o turismo. O importante é mostrar que ele pode ser um importante elemento de integração no processo educativo do cidadão mendense.
- A partir da criação de escolas de música na cidade, deve-se incentivar a formação de grupos que venham a participar efetivamente do projeto no momento em que estiverem prontos para tal. Para tanto, seria importante fomentar a realização de festivais de choro e samba na cidade, com a participação de artistas e grupos locais, regionais e oriundos da capital.
- Oportuno também sugerir que a secretaria municipal incentive o ensino de música nas escolas públicas locais. O ensino curricular de música nas escolas públicas tem seu possível retorno, de forma obrigatória, tramitando no Congresso Nacional.

Deve-se, enfim, reunir todos os cidadãos e entidades envolvidos com a cultura e a educação municipal com a finalidade de discutir essas e outras sugestões, e traçar políticas claras e objetivas no que respeita a tudo o que foi discutido neste trabalho. Todas essas sugestões e todo este estudo são resultado da firme crença de que a educação sem sua contraparte musical é uma educação manca, incompleta, e que o verdadeiro cidadão tem, antes de tudo, o direito universal a se educar musicalmente, seja por vias formais ou informais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cristiana Maria Galdino de & DEL BEN, Luciana Marta. *Educação não-formal: um estudo sobre a atuação profissional em projetos sociais de Porto Alegre (RS)*. Artigo apresentado no 15º congresso da ANPPOM/2005.

CARVALHO, Ana Paes de. *O violão na escola do choro: uma análise dos processos não-formais de aprendizagem*. Monografia de fim de curso. Rio de Janeiro: UniRio, 1998.

CONFORTE, André. *Vocação musical*. Revista Saiba Mais, ano 1, nº. 1. Mendes (RJ), 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

LOPES, Nei. *Sambeabá: o samba que não se aprende na escola*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Folha Seca, 2003.

MOURA, Roberto M. *No princípio era a roda: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

REQUIÃO, Luciana Pires de Sá. *“Músico-professor” : um estudo de caso*. Monografia de fim de curso. Rio de Janeiro: UniRio, 1999.

MACHADO, Afonso & MARTINS, Jorge Roberto. *Na cadência do choro*. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2006.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_Musical

ANEXO:

Questionário sobre o projeto *Choro e Samba na Praça*

Este questionário tem por objetivo levantar dados quantitativos e qualitativos para a monografia de fim de curso de Licenciatura em Música (Unirio) a ser desenvolvida por Antonio Soares Dantas, bandolinista do conjunto Passagem de Nível. Pretende, também, levantar questões acerca de possíveis melhorias para o próprio projeto.

1 – Quantas vezes você já assistiu ao projeto Choro e Samba na Praça em Mendes?

- uma
- entre duas e dez
- entre dez e vinte
- acima de vinte

2 – Qual nota você dá para o projeto – sendo “1” a pior e “5” a melhor?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

3 – Em quais áreas você acha que este projeto traz mais benefícios para sua comunidade (marque todas que quiser)?

- Educação
- Turismo
- Entretenimento

4 – Se você marcou o item “educação” na questão anterior, por favor, discorra sobre como você acha que este projeto atua na área educacional:

5 – Que sugestões você daria para que o projeto pudesse atingir de modo mais eficaz seus objetivos educacionais, turísticos e de entretenimento?